

COMUNISMO COMO FASE SUPREMA DO ANTICLERICALISMO

JOSÉ MILHAZES*

Resumo: Neste artigo tenta-se fazer uma análise das relações entre o Estado Russo e a Igreja Ortodoxa Russa antes da revolução comunista de 1917, bem como durante a existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1917-1991). A principal atenção é concentrada nas etapas e formas de perseguição da Igreja Ortodoxa Russa pelas autoridades comunistas, embora estas proclamassem a liberdade de consciência e de culto religioso. Debruçamo-nos também sobre a forma como o regime comunista tentava utilizar a Igreja Ortodoxa na sua política internacional.

Palavras-chave: Comunismo; URSS; Anticlericalismo; Igreja Ortodoxa.

Abstract: This paper aims to analyse the relationship between the Russian state and the Russian Orthodox Church before the Communist revolution of 1917 and during the existence of the Union of Soviet Socialist Republics (1917-1991). The main focus is concentrated on the different stages and forms of persecution on the Russian Orthodox Church by the communist authorities, though they proclaimed the freedom of conscience and religious worship. Also, we analyse the different ways in which the communist regime tried to use the Orthodox Church in its international policy.

Keywords: Communism; USSR; Anticlericalism; Orthodox Church.

A IGREJA DO ESTADO

Em toda a História da Humanidade, a Rússia foi palco da maior tentativa de pôr fim à religião como fenómeno social. O regime comunista, que governou esse país com «braço de ferro» entre 1917 e 1991, levando à letra uma das máximas de Karl Mark de que «a religião é o ópio do povo», declarou o ateísmo como ideologia oficial e, a pretexto da luta contra o «obscurantismo religioso», lançou perseguições religiosas com dimensões sem precedentes.

O golpe de Estado comunista de Outubro de 1917 na Rússia provocou uma reviravolta total em todas as áreas da vida política, económica e social, tendo sérias repercussões também no campo religioso. A tomada do poder pelos bolcheviques (comunistas) em São Petersburgo deu início a perseguições contra todas as confissões religiosas existentes no Império Russo (cristãos, muçulmanos, judeus, budistas, etc.). O ateísmo foi proclamado doutrina oficial do novo Estado e os poucos templos poupados pela barbárie bolchevique foram transformados em armazéns, pocilgas, escritórios, ou, num número ínfimo de casos, ficaram de portas abertas para «provar» que o regime comunista respeitava a Constituição por ele aprovada.

Esta nova política anticlerical e anti-religiosa, conduzida por Vladimir Lenine, o primeiro dirigente da União Soviética, baseava-se, entre outras fontes, no pensamento de Karl Marx e de Friedrich Engels sobre o fenómeno religioso.

* Correspondente da Agência Lusa, SIC e RDP em Moscovo. Professor de História e Jornalismo no Instituto Piaget de Almada. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».

Karl Marx prestou uma grande atenção à religião nas suas obras. Isso devia-se ao facto da influência de que gozava a religião na Alemanha daquela época. Os princípios fundamentais da crítica marxista da religião foram expostos numa das suas primeiras obras «Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel», embora Marx e Engels tenham abordado esse tema mais tarde.

«A religião não faz o homem, mas, ao contrário, o homem faz a religião: este é o fundamento da crítica irreligiosa. A religião é a autoconsciência e o auto-sentimento do homem que ainda não se encontrou ou que já se perdeu»¹ – escreve Karl Marx na obra citada.

Aqui, Marx não vai além da crítica da religião feita por Feuerbach que via em Deus um ideal do homem elevado ao céu e no amor por Deus, na adoração de Deus, ou seja, na religião, via uma forma indirecta e abstracta de amor fraternal entre os homens. Mas se em Feuerbach trata-se do homem abstracto, extra-histórico, na obra de Marx, o homem está mergulhado na história e é fruto de uma ou outra situação económica: «... Mas o homem não é um ser abstracto, isolado do mundo. O homem é o mundo dos homens, o Estado, a sociedade. Este Estado, esta sociedade, engendram a religião, criam uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido... É a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana carece de realidade concreta. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indirectamente, a luta contra aquele mundo que tem na religião o seu aroma espiritual»².

O filósofo alemão não teve oportunidade de ver a forma como os seus seguidores concretizaram as suas ideias sobre a religião na Rússia, mas o facto é que os bolcheviques russos levaram à letra a seguinte frase de Marx: «A verdadeira felicidade do povo implica que a religião seja suprimida, enquanto felicidade ilusória do povo».

A bem da verdade deve ser dito que na Rússia existia um terreno fértil para uma ofensiva anti-religiosa, principalmente contra a Igreja Ortodoxa, de longe a mais influente no país, tendo em conta a sua submissão total ao poder político vigente durante séculos: a monarquia.

A partir da época do Imperador Pedro, o Grande (1672-1725), a Igreja Ortodoxa Russa passou a ser controlada pelo Estado através do Santo Sínodo, que, no fundo, não passava de um ministério liderado por um Procurador laico. O czar russo era o chefe máximo dessa Igreja, o que a comprometia aos olhos dos que consideravam que a monarquia, principalmente no reinado de Nicolau II, último imperador russo (1894-1917), era incapaz de responder aos desafios da modernização do país.

Além disso, a maioria dos cerca de 83 milhões de ortodoxos do Império Russo era analfabeta e não compreendia os textos sagrados, escritos e lidos em «staroslaviansk», língua eslava antiga.

Também não fazia aumentar a popularidade da Ortodoxia medidas tomadas pela sua hierarquia como a excomunhão do grande escritor russo Leão Tolstói, em Fevereiro de 1901 ou a perseguição de outras correntes religiosas³.

¹ MARX, Karl – «Sotsialoguiia». Moskva, 2000, s. 159 (MARX, Karl – «Sociologia». Moscovo, 2000, p. 159).

² *Ibidem*.

³ Ver: FURSOV, S. L. – «Russkaia Tzerkov nakanune peremen (konetz 1890-1918)». Moskva, 2002 (FURSOV, S. L. – «Igreja Russa na véspera das mudanças (finais de 1890-1918)». Moscovo, 2002).

No fundo, a Igreja Ortodoxa não estava preparada para convulsões futuras como o derrube do czar Nicolau II em Fevereiro de 1917, a instauração da república e o golpe de Estado comunista de Outubro de 1917.

Por um lado, esses acontecimentos fizeram com que a Ortodoxia se afastasse do poder político e ganhasse voz própria com a criação de órgãos autónomos o Patriarcado, o Santo Sínodo e o Soviete Supremo da Igreja. Mas, por outro lado, ela não teve tempo de consolidar-se, ficando exposta aos ataques do poder comunista.

«OLHA PARA O QUE DIGO, NÃO OLHES PARA O QUE FAÇO»

A fim de tomar e controlar o poder, o dirigente comunista Vladimir Lenine não teve pejo de recorrer aos programas e promessas políticas dos seus adversários. Tático genial e demagogo farto, ele foi ao encontro das expectativas das mais amplas camadas da sociedade russa, prometendo: «Paz aos povos», «Terra aos camponeses», «Fábricas aos operários».

O mesmo fez em relação à religião, proclamando leis que supostamente fixavam a liberdade de consciência, de religião e de culto.

O artigo 13 do Capítulo V da primeira Constituição Soviética, aprovada em 1918, reza: «A fim de garantir aos trabalhadores a liberdade de consciência real, a igreja é separada do Estado e a escola da igreja. Todos os cidadãos têm a liberdade de realizar propaganda religiosa e anti-religiosa»⁴.

Na realidade, os cidadãos soviéticos só tinham liberdade de realizar ou ouvir propaganda anti-religiosa. O primeiro dirigente da Rússia Soviética escreveu a propósito: «O partido do proletariado exige que o Estado declare a religião um assunto pessoal, mas está longe de considerar *assunto pessoal* a questão da luta contra o ópio do povo, da luta contra as superstições religiosas, etc.»⁵.

Além disso, ele considerava que os crentes deviam ser expulsos do Partido Comunista da Rússia. «Eu sou pela exclusão do partido dos que participam em cerimónias (religiosas)» – escrevia Lenine ao Bureau da Organização do Comité Central do Partido Comunista a 30 de Maio de 1919⁶.

Os bolcheviques, a pretexto da luta contra a contra-revolução na época da guerra civil (1917-1922), não só privaram o clero de participar nas eleições, como deram início ao seu extermínio físico⁷.

O alto clero, como representante das classes exploradoras e com grande «potencialidade contra-revolucionária», foi um dos primeiros alvos a neutralizar pelas novas autoridades comunistas.

⁴ «Konstitutsia RSFSR». Moskva, 1918 («Constituição da República Soviética Federativa Socialista da Rússia». Moscovo, 1918). Disponível em <http://www.hronos.km.ru/dokum/191_dok/cnst1918.html>.

⁵ LENINE, V. I. – «PSS». Moskva, 1967, T.17, s. 423 (LENINE, V. I. – «Obras Completas». Moscovo, 1967, t. 17, p. 423).

⁶ *Ibidem*, T. 50, s. 330 (*Ibidem*, t. 50, p. 330).

⁷ Ver: «Russkaia Pravoslavnaia Tserkov v sovetskoe vremia (1917-1991). Materiali i dokumenti po istorii otnochenii mejdu gossudarstvom i Tserkoviu». Moskva, 1995, Kn.1 («Igreja Ortodoxa Russa na era soviética. Materiais e documentos para a História das relações entre o Estado e a Igreja». Moscovo, 1995, Liv.1).

O recém-eleito Patriarca Nikon não escondia a sua oposição ao novo poder. Protestando contra o decreto do Conselho dos Comissários do Povo sobre a separação da Igreja e do Estado e contra a Paz de Brest (acordo de paz assinado entre a Rússia Soviética e a Alemanha, segundo o qual os comunistas entregaram parcelas significativas das regiões ocidentais do país aos alemães em troca da suspensão «do avanço das tropas germânicas»), o Patriarca Tikhon escreveu a 18 de Janeiro de 1918: Loucos, reconsiderai, ponham fim às desavenças sangrentas... às crudelíssimas perseguições lançadas contra a Santa Igreja de Cristo: os sacramentos que abençoam o nascimento do homem ou que santificam a união conjugal da família cristã são abertamente considerados inúteis, os templos sagrados são sujeitos ou à destruição por armas mortíferas (os templos sagrados do Kremlin de Moscovo) ou à pilhagem e profanação (o Templo do Salvador em Petrogrado), as moradas sagradas veneradas pelo povo crente (como os mosteiros Alexandre Nevski e Potchaevski) são ocupadas pelos dirigentes ateus do século da escuridão...»⁸.

No dia seguinte, Tikhon vai mais longe no seu combate contra os bolcheviques: «Com o poder que Deus nos deu, nós excomungamos-vos»⁹.

No primeiro aniversário do golpe de Estado comunista, a 07 de Novembro de 1918, Tikhon envia uma mensagem ao Conselho dos Comissários do Povo: «... Depois de terem tomado o poder e de apelado ao povo para acreditar em vós, que promessas lhe fizeram e como as cumpriram? Em verdade vos digo, vós deste-lhe uma pedra em vez de pão e uma serpente em vez de peixe... Ao povo, esgotado por uma guerra sangrenta, vós prometeis a paz sem anexações e contribuições... Em vez de *anexações e contribuições*, a nossa grande Pátria foi conquistada, humilhada, despedaçada e vós levais para a Alemanha o ouro que não acumulaste para pagar o tributo que foi lançado sobre ela... Festejai o aniversário da vossa chegada ao poder com a libertação dos presos, o fim do derramamento de sangue, da violência, da destruição...»¹⁰.

O poder bolchevique respondeu acusando a Igreja Ortodoxa de «contra-revolucionária» e colocando o Patriarca ortodoxo sob prisão domiciliária em Dezembro de 1918.

«... Os representantes do poder soviético desconfiam que nós, servidores e propagadores da Verdade de Cristo, sejamos contra-revolucionários encobertos, que supostamente pretendem derrubar esse poder. Mas declaramos decididamente que semelhantes desconfianças não têm justificação... A Igreja não se identifica com alguma forma definida de poder, porque ela tem apenas um significado histórico relativo...», assinalou o Patriarca¹¹.

As relações entre as autoridades comunistas e a Igreja Ortodoxa russa agravaram-se ainda mais devido ao início da «grande fome» (Holodomor), no Verão de 1921.

⁸ «Vestnik russkogo studientchskogo khristianskogo dvijenija», n.º 115 (1975), s. 76 («Notícias do Movimento Cristão Estudantil Russo», n.º 115 (1975), p. 76).

⁹ «Deiania Sobora Ros. Pravosl. Tserkvi. 1917-1918». Kn. 6, v. 1, Petograd, 1918, s. 4-5 («Actos do Concílio da Igreja Ortodoxa Russa. 1917-1918». Livro 6, V. I, Petrogrado, 1918, p. 4).

¹⁰ «Vestnik russkogo studientchskogo khristianskogo dvijenija», n.º 89-90 (1968), s. 19-23 («Notícias do Movimento Cristão Estudantil Russo», n.º 89-90 (1968), p. 19-23).

¹¹ *Ibidem*, n.º 115 (1975), s. 74 (p. 74).

Os períodos de seca nas regiões meridionais da Rússia são frequentes. Porém, nessa época, à falta de água veio juntar-se a destruição provocada pela guerra civil entre «vermelhos» e «brancos» (1917-1922) e a requisição total dos cereais aos camponeses por parte dos «destacamentos alimentares soviéticos», que nem sequer deixavam sementes para novas colheitas. Segundo dados oficiais, no território atingido pela fome viviam de 26 a 27 milhões de pessoas.

A Igreja Ortodoxa Russa prontificou-se a fazer doações para as vítimas da fome, mas as autoridades soviéticas acharam isso, primeiramente, desnecessário, e, depois, insuficiente. O Patriarca Tikhon escreveu a propósito: «Em Agosto de 1921 foi criado o Comité Nacional da Igreja para ajudar as vítimas da fome, mas o Governo Soviético considerou essa organização desnecessária. Porém, em Dezembro de 1921, o Governo propôs-nos juntar dinheiro para prestar ajuda aos famintos, nós autorizámos entregar para as necessidades dos famintos adornos e objectos religiosos que não são utilizados no culto, o que foi comunicado à população ortodoxa a 6 (19) de Fevereiro, através de um apelo especial que foi impresso com a autorização do governo e distribuído entre a população. A 13 (26) de Fevereiro, o Comité Executivo Central da Rússia ordenou a retirada dos templos de todos os objectos religiosos valiosos, incluindo os vasos sagrados e outros objectos de culto. Do ponto de vista da Igreja, trata-se de um acto de profanação»¹².

Numerosos sacerdotes recusaram-se a obedecer às ordens do poder soviético, que reagiu com o julgamento desses clérigos ortodoxos e do próprio Tikhon. No dia 12 de Maio, três sacerdotes encontraram-se com o Patriarca e comunicaram-lhe que se ele não aceitasse entregar o poder a um dos hierarcas que se encontrava em liberdade e não se afastasse voluntariamente do cargo, todos os condenados seriam fuzilados por terem resistido à confiscação dos bens da Igreja.

A 3 de Julho, Tikhon entrega temporariamente o poder ao metropolitano Agagalguel, mas o último foi impedido de entrar em Moscovo. Sem alternativa, o Patriarca escreve, nas masmorras da GPU (policia política comunista), uma mensagem de arrependimento: «... Tendo em conta a nossa culpa perante o Poder Soviético, que se revelou numa série de nossas acções anti-soviéticas passivas e activas..., isto é, na resistência à confiscação dos valores da Igreja a favor dos famintos, na excomunhão do Poder Soviético, na oposição à Paz de Brest, nós pedimos perdão e lamentamos as vítimas provocadas por essa actividade anti-soviética. A Igreja é apolítica e não quer ser *nem branca, nem vermelha*»¹³.

Em Março de 1924, o *Presidium* do Comité Executivo Central da URSS ordenou encerrar o processo-crime contra o Patriarca Tikhon, o que não significou o fim das perseguições contra os ortodoxos. Em Dezembro do mesmo ano, o chefe supremo ortodoxo escapou ileso a um atentado.

Tikhon faleceu a 25 de Março de 1925, mas, pouco antes, a 7 de Janeiro, publica o testamento, onde reconhece o poder comunista: «Nos anos de convulsões civis, por vontade de Deus, sem a qual nada no mundo se realiza, à frente da Rússia está o Poder

¹² *Ibidem*, n.º 98 (1970), s. 63 (p. 63).

¹³ *Ibidem*, n.º 115 (1975), s. 76 (p. 76).

Soviético. Sem pecar contra a nossa fé e a Igreja, não permitindo quaisquer compromissos e recuos no campo da fé, nós devemos, no campo civil ser honestos para com o Poder Soviético e trabalhar para o bem comum...»¹⁴.

É de assinalar que alguns estudiosos e clérigos consideram esse documento falso¹⁵.

A política do Partido Comunista da Rússia de «extinção total das superstições religiosas, fixada no programa do seu VIII Congresso em Março de 1919, teve consequências tenebrosas para a Igreja Ortodoxa. Entre Fevereiro de 1919 e Março de 1920, foram profanados 63 túmulos de santos ortodoxos. Entre 1918 e 1921, foram encerrados 1.113 asilos e 772 dos 1.253 mosteiros, tendo os restantes sido extintos até 1934. Durante a guerra civil, foram assassinados cerca de 10 mil clérigos ortodoxos»¹⁶.

Depois da morte do Patriarca Tikhon, a direcção da Igreja Ortodoxa Russa passa para as mãos do Metropolita Serguei (1867-1944), dirigente da chamada «corrente renovadora» (*obnovlenie*), que dá um novo passo para a aproximação ao regime comunista. Em 29 de Julho de 1927, publica um documento de extrema importância que se tornou conhecido por «Declaração do Metropolita Serguei»: «Não precisamos de provar em palavras, mas na prática, que cidadãos fiéis da União Soviética, leais ao Poder Soviético, podem ser não só as pessoas que olham para a Ortodoxia com indiferença, não só os que a traíram, mas também os seus crentes mais fervorosos, para os quais ela é cara como verdade, como vida, com todos os seus dogmas e tradições, com toda a sua bagagem canónica e teológica. Queremos ser ortodoxos e, ao mesmo tempo, ter consciência da União Soviética como nossa Pátria cívica, cujas alegrias e êxitos são as nossas alegrias e êxitos, enquanto os fracassos são os nossos fracassos»¹⁷.

A Declaração do Metropolita Serguei provocou uma profunda cisão na Igreja Ortodoxa Russa. O clero e os crentes que conseguiram fugir da Rússia Soviética não aceitaram essa decisão e formaram a Igreja Ortodoxa Russa no Estrangeiro. Parte do rebanho ortodoxo no interior do país passou à clandestinidade e criou a Igreja das Catacumbas.

As cedências do chefe da Igreja Ortodoxa Russa não foram suficientes para inverter a política realizada face à religião por José Estaline, que sucedeu a Vladimir Lenine à frente do Estado Soviético a partir de 1924.

O princípio ideológico: «a luta de classes aumenta à medida que o socialismo avança», proclamado por José Estaline, justificou as mais cruéis atrocidades cometidas contra todas as camadas sociais, incluindo clero e crentes ortodoxos.

O ponto de partida foi o relatório político apresentado por ele ao XV Congresso do

14 «K 400 letiiu ustanovleniia Patriarchestva na Rusi». Izdatelskii otdel Moskovskoi Patriarkhii, 1989, s. 21-22 («400 anos do estabelecimento do Patriarcado na Rússia». Direcção Editorial do Patriarcado de Moscovo, 1989, p. 21-22).

15 «Vestnik russkogo studentchskogo khristianskogo dvizheniia», n.º 115 (1975), s. 76 («Notícias do Movimento Cristão Estudantil Russo», n.º 115 (1975), p. 76).

16 FILIPPOV, B. A. – «Piat Lektsii po Istorii Rossii XX veka». Pravoslavnii Sviato-Tikhonovskii Gumanitarnii Universitet». Moskva, 2007, s. 13-15 (FILIPPOV, B. A. – «Cinco Aulas sobre a História da Rússia do século XX. Universidade Humanitária Ortodoxa Sviato-Tikhonovski». Moscovo, 2007, p. 13-15).

17 «K 400 letiiu ustanovleniia Patriarchestva na Rusi». Izdatelskii otdel Moskovskoi Patriarkhii, 1989, s. 23 («400 anos do estabelecimento do Patriarcado na Rússia». Direcção Editorial do Patriarcado de Moscovo, 1989, p. 23).

18 «Tragedia Russkoi Tserkvi. 1917-1953». Gl. IV-1. Moskva, 2007, s. 4-5 («Tragédia da Igreja Russa. 1917-1953». Cap. IV-1. Moscovo, 2007, p. 4-5).

Partido Comunista da Rússia, realizado nos finais de 1927. Então, o ditador soviético afirmou: «Temos ainda mais um aspecto negativo como o abrandamento da luta anti-religiosa».

O plano estalinista de luta contra a religião começou a ser energicamente realizado no ano seguinte e, a partir do início de 1930, tornou-se num verdadeiro programa nacional. A 2 de Janeiro desse ano, um decreto governamental alargava a ofensiva contra os direitos cívicos do clero, levando à expulsão dos sacerdotes e suas famílias de suas casas, à privação de senhas de racionamento e de assistência médica. Tendo em conta a organização social soviética, isso significava condenar à morte os cidadãos abrangidos por essas medidas¹⁸.

Outro decreto, desta vez, secreto, do *Presidium* do Comité Executivo Central «Do lançamento de impostos sobre os actuais e antigos servidores do culto durante 1930-1931» foi mais um potente instrumento para obrigar o clero e os seus familiares a renunciarem a Deus e à Igreja. O clero foi sujeito ao pagamento de pesados impostos e, caso não fossem pagos, os sacerdotes e membros da direcção das paróquias eram presos e os templos encerrados¹⁹.

Os números da repressão voltam a falar por si. Entre 1929 e 1934, cerca de 40 mil sacerdotes e monges foram vítimas de repressão, tendo cinco mil sido assassinados, foram encerrados todos os mosteiros, o número de templos abertos desceu de 28.500 para 10 mil (em 1914, o número de igrejas activas era de 67.100). Em 1929, os bolcheviques ordenaram «calar» os sinos dos templos, destruindo obras-primas de mestres russos²⁰.

Em 1932, as autoridades comunistas soviéticas anunciaram a realização do «quinquénio anti-religioso», que colocou como objectivo destruir todos os templos e o «próprio conceito de Deus». Esta nova campanha provocou prisões em massa e desterro entre o clero ortodoxo. O número de detenções de bispos foi tão grande que obrigou o metropolitano Serguei a dissolver o Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa (órgão máximo desta Igreja) a 18 de Maio de 1935²¹.

O ano de 1937, também conhecido por «ano do grande terror», ficou marcado por mais uma onda de repressão contra a Igreja Ortodoxa e outras confissões religiosas. Não obstante todas as repressões do regime comunista, 44% da população soviética com mais de 15 anos declarou, durante o censo nacional, que era cristã e 13% seguidora de outras religiões. Estaline ficou furioso com os resultados, ordenou torná-los secretos e mandou fuzilar os seus organizadores.

Além disso, lançou uma nova onda de repressão contra a Igreja Ortodoxa. Nesse ano, «foram encerrados oito mil templos, 136.900 crentes e sacerdotes foram alvos de repressão, 85.300 dos quais foram fuzilados. Em 1938, esses números foram, respectivamente, de 28.300 e 21.500; em 1939, 1.500 e 900; em 1940, 5.100 e 1.100»²².

19 FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 29.

20 «Russkaia Pravoslavnaia Tserkov i kommunistichskoe gossudarstvo. 1917-1941». Moskva, 1996 («Igreja Ortodoxa Russa e Estado Comunista. 1917-1941»). Moscovo, 1996).

21 FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 29.

22 *Ibidem*, p. 30; CHKAROVSKI, M. B. – «Russkaia Pravoslavnaia Tserkov pri Stalin i Khrutchov». Moskva, 1999 (CHKAROVSKI, M. B. – «A Igreja Ortodoxa Russa na época de Estaline e Khrutchov»). Moscovo, 1999); IAKOVLEV, A. N. – «Sumerki». Moskva, 2003 (IAKOVLEV, A. N. – «Escruidão»). Moscovo, 2003); SIMONOV, Konstantin – «Istoria tiajolaia voda». Moskva, Vagrius, 2005

GUERRA OBRIGA ESTALINE A DAR MARCHA ATRÁS

A política do regime estalinista face à Igreja Ortodoxa Russa e a outras confissões religiosas sofreu uma mudança significativa depois das tropas hitlerianas terem invadido a União Soviética em 21 de Junho de 1941.

No dia seguinte, o metropolitano Serguei publica uma mensagem dirigida ao clero e crentes, onde apela a levantarem-se em defesa da Pátria. No dia 26, celebra uma missa «pela vitória» na Catedral da Aparição de Moscovo.

Em Julho, Estaline recebe o metropolitano na sua casa de campo e manifesta o seu apoio à actividade da Igreja Ortodoxa Russa no sentido da mobilização dos soviéticos na luta contra o nazismo. Além disso, reabilita grandes figuras da História da Rússia, incluindo santos ortodoxos como Alexandre Nevski.

Entre as razões que levaram Estaline a mudar radicalmente de posição face à religião, os historiadores russos destacam o receio que o ditador tinha que os hierarcas da Igreja Ortodoxa Russa pudessem cair nas mãos de Hitler e serem utilizados por Berlim para fins políticos.

«Receando o possível êxito da ofensiva alemã contra Moscovo, o Governo, no início de 1941, decidiu evacuar os dirigentes religiosos para Tchkalov (Orenburg). Isso foi feito com um único objectivo: não permitir a possibilidade de prisão de hierarcas ortodoxos pelas tropas alemãs no caso da conquista da capital e a sua posterior utilização pelos alemães» – escreve o historiador Vladimir Lakunin²³.

Além disso, Estaline necessitava também de melhorar a imagem do seu regime aos olhos dos povos ocidentais que poderiam formar uma coligação anti-hitleriana, principalmente dos norte-americanos.

O Presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, enviou uma mensagem ao Papa Pio XII para o tentar convencer que «Estaline é melhor do que Hitler»²⁴.

A espionagem soviética aconselhou também Estaline a mudar de posição em relação à Igreja Ortodoxa Russa. Piotr Sudoplatov, um dos dirigentes da espionagem soviética, escreve a propósito: «Na nossa nota dirigida ao Governo, nós também apoiámos essas Propostas, tendo em vista o importante papel consolidador da Igreja Ortodoxa Russa no crescente movimento antifascista dos povos eslavos e nos Balcãs»²⁵.

A hierarquia da Igreja Ortodoxa Russa responde à nova política com a recolha de meios para apoiar o Exército Vermelho. No dia 30 de Dezembro de 1942, o metropolitano Serguei dá início à recolha de fundos para a construção de uma coluna de tanques. No telegrama dirigido a Estaline no ano novo, o hierarca ortodoxo escreve: «Numa mensagem especial por nós enviada, convido o clero, os crentes a fim de contribuírem para a

(SIMONOV, Konstantin – «História da água pesada». Moscovo, Vagrius, 2005; «Istoria Rossii. 1939-2007». Moskva, 2010, s. 964. («História da Rússia. 1939-2007». Moscovo, 2010, p. 964).

²³ IAKUNIN, V. N. – «Ukreplenie položenia Russkoi Pravoslavnoi Tserkvi i struktura eio upravlenia v 1941-1945». Otetc. Istoria, n.º 4 (2003), s. 83-93 (IAKUNIN, V. N. – «Reforço da situação da Igreja Ortodoxa Russa e estrutura da sua direcção». «História Pátria», n.º 4 (2003), p. 83-93).

²⁴ FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 69.

²⁵ SUDOPLATOV, P. A. – «Ostaius edinstvennim svideelem». Moskva: Molodaia gvardia, 1995, n.º 5, s. 40 (SUDOPLATOV, P. A. – «Sou a única testemunha que resta». Moscovo: Ed. A Jovem Guarda, 1995, n.º 5, p. 40).

construção da coluna de tanques Dmitri Donskoi... Pedimos que seja aberta uma conta especial no Banco de Estado. Que termine em vitória sobre as forças negras do fascismo o feito heróico nacional por Vós dirigido».

Esta mensagem teve honras de publicação no jornal «Pravda», órgão do CC do Partido Comunista da União Soviética, sendo até acompanhada da resposta de José Estaline: «Ao Metropolita Serguei. Peço que transmita ao clero ortodoxo russo e aos crentes a minha saudação e agradecimento do Exército Vermelho pela preocupação revelada para com as forças blindadas do Exército Vermelho. Foi dada ordem para abrir uma conta especial no Banco de Estado. Estaline»²⁶.

No campo dos actos, o ditador comunista autorizou o restabelecimento do Patriarcado na Rússia. A 8 de Setembro de 1943, o Concílio dos Bispos da Igreja Ortodoxa Russa elegeu, por unanimidade, Serguei Patriarca de Moscovo e de Toda a Rússia. Além disso, foram libertados os poucos bispos e sacerdotes ortodoxos que conseguiram sobreviver aos campos de concentração do GULAG.

Quando o Patriarca Serguei faleceu a 15 de Maio de 1944, a notícia foi publicada no diário «Izvestia» e noutros jornais soviéticos e a organização da eleição do novo dirigente da Igreja Ortodoxa Russa esteve a cargo do Conselho para os Assuntos da Igreja Ortodoxa Russa junto do Conselho de Ministros da URSS, órgão criado em 1943 para controlar os ortodoxos russos.

Desta vez, foi decidido eger o novo Patriarca não num Concílio Nacional, mas Universal. Estaline precisava de uma Igreja que correspondesse ao poderio da União Soviética depois da Segunda Guerra Mundial e foi ressuscitada, após a eleição de Alexis I para substituir Serguei, a tese de «Moscovo – Terceira Roma».

«Moscovo – Terceira Roma» continua a ser o símbolo da ideia reunificadora universal, em contrapeso ao papado, ao seu desejo de autocracia espiritual, à aristocracia episcopal e aos sonhos maníacos de poder terrestre... «Moscovo é a Terceira Roma e não haverá uma quarta», como diziam os nossos antepassados durante o reinado de Ivan III...»²⁷.

É de salientar que foi também nesta altura que Estaline dissolveu a Internacional Comunista, como sinal de que a URSS estaria disposta a renunciar à revolução mundial.

A direcção da Igreja Ortodoxa Russa retribuía com a participação no culto da personalidade do ditador comunista: «Só se pode alcançar a paz abençoada, o bem-estar firme e o verdadeiro sossego na via da verdade; a verdade dos povos está de forma invisível, mas real ligada com a Verdade de Deus... À Verdade de Deus está também ligado o desejo dos povos amantes da paz de viver na paz e na justiça... Estamos felizes porque o nosso povo realiza essa verdade sobre a condução firme do Chefe reconhecido por todos e do inspirador dos povos amantes da paz, José Estaline...»²⁸.

²⁶ FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 70.

²⁷ «Jurnal Moskovskoi Patriarkhii», n.º 9 (1946), s. 54-57 («Revista do Patriarcado de Moscovo», n.º 9 (1946), p. 54-57).

²⁸ «Iz retchi Patriarkha Aleksia na III Vsesoiuznoi Konferentsii storonnikov mira v Moskve v noiabrie 1951 goda». Moskva, 1951 («Do discurso do Patriarca Alexei na III Conferência Nacional dos Adeptos da Paz em Moscovo em Novembro de 1951». Moscovo, 1951).

É necessário reconhecer que esta atitude da Igreja Ortodoxa Russa permitiu ganhar tempo para restabelecer parcialmente as suas fileiras. Segundo dados oficiais, entre 1946 e 1949, o número de paróquias aumentou de 10.544 para 14.477. Em Janeiro de 1948, na URSS estavam registados 11.827 sacerdotes e diáconos ortodoxos²⁹.

Entre determinados sectores da sociedade soviética criou-se a ilusão de que o fim da Segunda Guerra Mundial poderia conduzir a uma abertura do regime comunista. Tal como acontecera na guerra contra Napoleão, milhões de soldados e oficiais russos deram conta, ao entrarem nos países capitalistas, que o nível de vida neles era incomparavelmente superior ao registado na URSS.

O diplomata soviético Victor Israelian escreveu: «milhões de pessoas compreenderam que tinham sido enganados durante décadas. A vida nos países capitalistas da Europa mostrou não ser tão má como se dizia na União Soviética. Além disso, o que mais impressionou foi o facto de, melhor do que na URSS, viverem não só os milionários exploradores, mas também os operários e camponeses simples».

Segundo ele, o que o que viram na Europa deu início ao «processo de abertura dos olhos dos soviéticos»³⁰.

Porém, vencida a guerra contra Hitler, o ditador soviético já não precisava da Igreja Ortodoxa Russa para conservar o seu poder. A nova ofensiva contra a liberdade de consciência, que ficou conhecida por «jdanovismo» (do nome de Andrei Jdanov, secretário do Partido Comunista para a Ideologia) atingiu não só a religião, mas também toda a criatividade intelectual.

A decisão do CC do Partido Comunista sobre as revistas literárias «Zvezda» e «Leningrad» foi uma declaração de guerra à intelectualidade soviética que ainda sonhava com a liberalização do regime comunista. Não foram poupados grandes nomes da cultura soviética como a poetisa Anna Akhmatova, o escritor satírico Mikhail Zochenko, os compositores Dmitri Chostakovitch e Serguei Prokofiev, etc.

O escritor soviético Konstantin Simonov, que dificilmente poderá ser colocado entre os críticos do comunismo, escreveu a propósito: «No fim da guerra e logo a seguir a ela, em 1946, a círculos bastante amplos da intelectualidade, pelo menos na intelectualidade literária... pareceu que devia ocorrer algo que nos fizesse mover rumo à liberalização. Os discursos de Jdanov significaram uma nova fase das repressões em todos os campos da cultura e anunciaram que, depois da Grande Guerra Pátria, começava uma nova guerra, que depois veio a ser chamada de fria»³¹.

Até à morte de José Estaline, a 3 de Março de 1953, as autoridades comunistas lançaram novas ofensivas contra a Igreja Ortodoxa Russa. A quantidade de templos não parava de diminuir: 14.445 em 1.1.1949, 14.323 em 1.1.1950, 13.913 em 1.1.1951, 13.786 em 1.1.1952 e 13.555 em 1.1.1953³².

²⁹ FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 78.

³⁰ ISRAELIAN, Victor – «Na frontakh "kholodnoi voini". Zapiski sovietskogo posla». Moskva: Mir, 2003, s. 28 («*Nas frentes da "guerra fria"*»). *Notas de um embaixador soviético*. Moscovo: Mir, 2003, p. 28).

³¹ SIMONOV, Konstantin – *Op. cit.*, s. 237 (p. 237).

COMUNISMO SEM PADRES

O clero e os crentes ortodoxos viram na morte de José Estaline uma espécie de nova era com grandes perspectivas para o desenvolvimento da sua Igreja. Um decreto do *Presidium* do Soviete Supremo da URSS, publicado em 1954, deixou sair antecipadamente das prisões os reclusos que tinham cumprido dois terços da pena e os idosos, o que permitiu a libertação de numerosos sacerdotes e bispos.

Ao mesmo tempo, as autoridades comunistas preparavam uma nova campanha anti-religiosa. O jornal «Pravda» publicou duas decisões do CC do PCUS: no dia 7 de Julho de 1954, «Sobre as grandes insuficiências na propaganda científico-ateísta e as medidas para o seu melhoramento» e, a 10 de Novembro de 1954, «Sobre os erros na realização da propaganda científico-ateísta entre a população»³³.

Esta contradição na política da direcção soviética em relação à religião, em geral, e à Igreja Ortodoxa Russa, em particular, devia-se à luta pelo poder nela. Por paradoxal que possa parecer, os «estalinistas» defendiam uma posição mais ponderada nessa questão do que Nikita Khrutchov, político que sucedeu a Estaline à frente do Partido Comunista da União Soviética e, por conseguinte, do Estado.

A última campanha anti-religiosa e anticlerical na União Soviética, realizada sob direcção do ideólogo comunista Mikhail Suslov, teve início nos finais de 1958. A explicação oficial para a nova campanha rezava: «...O que significa permitir o reforço da religião? Iso significa resistir à causa da educação comunista do povo e, por conseguinte, travar o movimento da sociedade soviética para o comunismo»³⁴.

Em relação às campanhas anteriores deste tipo, a nova política anticlerical tinha um objectivo bem maior: acabar definitivamente com a religião na União Soviética.

«A semelhança (com campanhas anteriores) consistia na intenção de liquidar a Igreja como um instituto importante, afastá-la da vida social do país. Mas a diferença consistia em que nunca antes foi oficialmente colocado o objectivo de liquidá-la totalmente, exterminar a religião no país. Esse objectivo foi colocado no início dos anos 60» – escreve o historiador Alexandre Vinnikov³⁵.

No XXII Congresso do PCUS, realizado em 1960, Nikita Khrutchov proclamou que «a próxima geração dos soviéticos irá viver no comunismo» e prometeu, nessa altura, mostrar pela televisão «o último padre».

O sistema comunista recorria aos mais diversos meios para conseguir este seu objectivo: propaganda anticlerical, detenção de membros do clero acusados de «fuga ao fisco» ou «desvio de meios financeiros», infiltração de agentes do Comité de Defesa do Estado (KGB) nas comunidades religiosas com vista a dividi-las e desintegrá-las, proibição de baptizar as crianças sem autorização de ambos os pais.

³² FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 79.

³³ «Pravda», 7 iulia 1954; 10 noiabria 1954 («Pravda», 7 Julho 1954; 10 Novembro 1954).

³⁴ FILIPPOV, B. A. – *Op. cit.*, p. 81.

³⁵ VINNIKOV, A. – «Ottepel (1943-1960). Tchast 1». «Sibirskaja Pravoslavnaia Gazeta», n.º 11 (2002) (VINNIKOV, A. – «Degelo (1943-1960). Parte I». «Jornal Ortodoxo Siberiano», n.º 11 (2002)).

Neste último caso, a decisão dos pais de baptizar o seu filho era comunicada à empresa onde trabalhavam e as represálias não tardavam a chegar.

É também nesta época que é criado o Instituto do Ateísmo da Academia de Ciências Sociais junto do CC do PCUS e os alunos universitários são obrigados a estudar uma nova disciplina: «Ateísmo Científico»³⁶.

Além disso, as autoridades comunistas publicavam um grande número de jornais e revistas de cariz anti-religioso, bem como obras literárias estrangeiras que continham críticas à religião. Por exemplo, obras de Eça de Queirós como «Crime do Padre Amaro» e «Relíquia» foram publicadas, em russo e noutras línguas dos povos da União Soviética (georgiano, estónio, ucraniano, etc.), em épocas de campanha anticlerical mais intensa como nos anos 30 e 60 do século XX.

Vladimir Kuroedov, presidente do Conselho para os Assuntos da Igreja Ortodoxa, informava: «Só em 1960, foram retirados dos registos (leia-se encerrados) 1365 templos e casas de oração..., encerrados 12 mosteiros, liquidados os seminários de Stavropol e Kiev, fechadas 7 dioceses. No ano corrente de 1961, colocamos um sério objectivo: devolver às organizações sociais todos os edifícios... que o clero conseguiu manhosamente ocupar nos anos da guerra e do pós-guerra»³⁷.

As campanhas e os ataques contra a Igreja Ortodoxa e o clero originaram uma nova tendência de protesto na União Soviética: «a dissidência ortodoxa». No interior da Igreja Ortodoxa Russa formou-se um grupo de sacerdotes e crentes que começou a chamar a atenção da opinião pública internacional para as perseguições na URSS, bem como para protestar contra a colaboração da direcção da Igreja Ortodoxa Russa com o Estado comunista e com instituições odiosas como o KGB³⁸.

É curioso assinalar que deste meio saíram dois «dissidentes ortodoxos»: o sacerdote Glev Iakunin e o historiador e filósofo Lev Reguelson, que, durante o PREC em Portugal, decidiram enviar um «Apelo ao Povo Português» para que não se deixasse enganar pela propaganda do Partido Comunista Português³⁹.

«Imploramos-vos que, ao definir o vosso comportamento na Vossa edificação político-social do novo Portugal, não se esqueçam da trágica e edificante experiência do nosso país.

Se os comunistas, a título excepcional, podem chegar ao poder por via pacífica e democrática, eles, nem na teoria, nem na prática, admitem a possibilidade de ceder esse poder por via pacífica. Isso significa que a sua vitória fecha a via a qualquer desenvolvimento político posterior, a qualquer criatividade política. Quando chegam ao poder, eles

³⁶ O autor deste trabalho teve oportunidade de frequentar esse curso na Faculdade de História da Universidade de Moscovo (Lomonossov) e pôde constatar a pouca eficácia do «Ateísmo Científico», que apenas despertava nos alunos soviéticos o desejo de conhecer melhor o fenómeno religioso.

³⁷ LEIBOVITCH, O. – «Reforma i modernizatsia v 1953-1964». Perm, 1993 (LEIBOVITCH, O. – «Reforma e modernização em 1953-1964». Perm, 1993).

³⁸ ALEKSEEVA, L. – «Istoria inakomislia v SSSR». Vilnius-Moskva, 1992 (ALEKSEEVA, L. – «História do pensamento dissidente na URSS». Vilnius-Moskovo, 1992).

³⁹ «Obraschenie k Khristianam Portugali». Moskva, 3 aprelia 1975 g. «Vestnik RSKhD», n.º 116 (1975) («Apelo aos Cristãos de Portugal». Moscovo, 3 de Abril de 1975. «Notícias do Movimento Social Cristão da Rússia», n.º 116 (1975)).

ignoram a vontade do povo se ele estiver contra eles. Na Rússia, em 1918, depois de não conseguir impor a maioria nas eleições para a Assembleia Constituinte e impor-lhe o seu programa, os comunistas-bolcheviques dissolveram-na imediatamente» – escreviam eles no apelo publicado a 3 de Abril de 1975⁴⁰.

«Quando lemos um livro político do Vosso líder comunista Cunhal, a quem, na prisão de Salazar, facultavam materiais para a sua escrita, pensamos com perplexidade e ironia azeda: se ele chama *fascismo* a essa ordem, liberal segundo as nossas medidas, então onde encontrar na linguagem humana palavras para descrever dignamente a nossa realidade?» – interrogam.

Glev Iakunin e Lev Reguelson recordam as palavras de Fátima na Cova da Iria: «Se as pessoas ouvirem as minhas palavras, a Rússia voltar-se-á novamente para Deus e a paz reinará na Terra. Caso contrário, ela difundirá as suas pseudo-doutrinas por todo o mundo, provocando guerras e perseguições contra a Igreja, muitos justos sofrerão...»⁴¹.

«As nossas gerações foram testemunhas da realização dessa profecia. Com tristeza e preocupação, dirigimos-vos a vós com a pergunta: será que a alma popular de Portugal sofreu uma fractura tão profunda que a Praça Branca de Fátima irá parar às mãos dos inimigos da Igreja, será que os portugueses permitirão fazer sangrar uma vez mais o Coração Imaculado de Maria?» – perguntam os dois ortodoxos soviéticos.

«Encontrando-se numa encruzilhada histórica, o Vosso país pode tornar-se para o totalitarismo a chave da Europa, mas pode ser para ele o fatal ponto de viragem, se o Vosso povo recusar, com uma decisão profunda do coração, a tentação que Vos é proposta e travar a marcha triunfal do mal de que falou a Imaculada Conceição em Fátima» – concluem⁴².

Na União Soviética, a campanha anticlerical abrandou depois de Nikita Khrutchev ter sido substituído por Leonid Brejnev no cargo de Secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, em Outubro de 1964. Criou-se uma situação, no mínimo, curiosa: «a Igreja Ortodoxa existia no nicho estatal que lhe fora atribuído, pagando isso com reverências forçadas aos dirigentes e ao sistema em geral»⁴³. Por exemplo, os mais altos dignitários ortodoxos participavam, a nível internacional, na propaganda do Estado comunista.

Eles não se recusavam também a realizar tarefas de que eram incumbidos pelo Comité de Segurança do Estado (KGB) da URSS. Alexandre Iakovlev, secretário do CC do PCUS para a ideologia na era de Mikhail Gorbatchov, escreveu a esse propósito: «Os serviços secretos controlavam toda a atividade religiosa. Eles escolhiam as pessoas para estudar nas escolas religiosas, recrutavam-nas para prestar serviço na espionagem e contra-espionagem. Eu conheço muitos agentes duplos, sei até os seus pseudónimos, mas prometo levar comigo esses conhecimentos»⁴⁴.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ «Istoria Rossii. 1939-2007». Moskva, 2010, s. 429 («História da Rússia. 1939-2007». Moscovo, 2010, p. 429).

⁴⁴ LALOVLEV, A. N. – «Sumerki». Moskva: Matetik, 2003, s. 401 (LALOVLEV, A. N. – «Ecuridões». Moscovo: Materik, 2003, p. 401).

A propósito, Alexandre Iakovlev, que na era da «perestroika» e «glasnost» desempenhou um papel importante na restituição da liberdade religiosa e de outras aos soviéticos, esteve à frente da última campanha anti-religiosa na URSS. No início dos anos 70 do século XX, publica o artigo «Contra a Anti-história», onde critica as vacilações ideológicas no seio de alguns escritores e poetas soviéticos de renome: «Um tem saudade de templos e cruzeiros, outro chora por cavalos, e um terceiro defende galos... Em muitos poemas encontramos elogios aos templos e ícones, e esta questão já está longe de ser apenas poética... No fundo, por detrás disso está uma posição ideológica perigosa porque contém objectivamente uma tentativa de voltar ao passado»⁴⁵.

Porém, a participação de intelectuais mundialmente conhecidos como o escritor Alexandre Soljenitzin e o físico Andrei Sakharov nos movimentos de contestação ao comunismo, bem como a pressão internacional, principalmente depois da Cimeira de Helsínquia de 1975, abriram fortes brechas na muralha cada vez mais fraca do comunismo soviético.

Além disso, a eleição de um cardeal polaco, Karol Wojtyła, para o cargo de Papa de Roma com o nome de João Paulo II, a sua visita triunfal à Polónia em 1979, bem como a «revolução islâmica» no Irão obrigaram as autoridades soviéticas a tomar novas medidas para travar as ideias religiosas na Rússia. A 21 de Agosto de 1979, o Secretariado do CC do PCUS aprova o decreto «Sobre as medidas para reforçar a propaganda ateísta e o trabalho educativo com os filhos dos crentes», onde se lê: «O CC do PCUS considera inadmissível que, devido à educação ateísta insuficientemente orientada e eficaz, alguns alunos das escolas primárias, técnicas e superiores participem em cerimónias religiosas, são atraídos pelo clero para as orquestras e coros de música religiosa, escolas, círculos e campos de férias clandestinos». Nos XVIII e XIX Congressos da Juventude Comunista (Komsomol), realizados entre 25-28 de Abril de 1978 e 18-21 de Maio de 1982, foi lançado o apelo de «não deixar sem castigo um só caso de participação de jovens comunistas em rituais religiosos».

Mas estes documentos constituíram os últimos documentos anti-religiosos aprovados no período comunistas. As autoridades soviéticas preparavam mais uma campanha anti-religiosa por ocasião do milénio do Baptismo de Kiev, a celebrar em 1988, mas Mikhail Gorbatchov, eleito Secretário-geral do PCUS em Abril de 1985, enveredou pela via da normalização das relações entre o Estado e a Igreja.

RECONCILIAÇÃO DA IGREJA E DO ESTADO

A 29 de Abril de 1988, Gorbatchov recebeu no Kremlin Pimen, Patriarca de Moscovo e de Toda a Rússia.

«A *perestroika* tornou possível uma participação mais activa dos clérigos na vida da sociedade» – declarou então o pai da «perestroika» e da «glasnost»⁴⁶.

⁴⁵ «Literaturnaia gazeta», ot 15 noiabria 1972 («Gazeta Literária», 15 de Novembro de 1972).

⁴⁶ «K 400 letiiu ustanovleniia Patriarchestva na Rusi. Izdatelskii otdel Moskovskoi Patriarkhii», 1989, s. 20. («400 anos do estabelecimento do Patriarcado na Rússia». Direcção Editorial do Patriarcado de Moscovo, 1989, p. 20).

Em Junho do mesmo ano, durante as celebrações do Baptismo da Rússia, o Patriarca Pimen declarou: «os cidadãos crentes da nossa Pátria estão unidos com todo o povo soviético no seu envolvimento no processo positivo da reestruturação, no desenvolvimento da democracia e da transparência»⁴⁷.

A pouco e pouco, a Igreja Ortodoxa Russa libertou-se do controlo do Comité para Assuntos Religiosos junto do Conselho de Ministros da URSS, que acabou por ser extinto, e do KGB, dando início a uma profunda reestruturação interna, que ainda continua.

Não obstante os mais de setenta anos de perseguições, a Igreja Ortodoxa Russa conseguiu resistir, embora tenha sido extremamente enfraquecida da contenda com o regime ateu. Por isso, tenta recuperar terreno agora que tem novamente possibilidade.

Porém a hierarquia ortodoxa insiste num dos crassos erros do passado, que é «colar-se» ao Estado a fim de conseguir para si um estatuto especial. Num país multicultural e multi-religioso como é a Federação da Rússia, onde coabitam ortodoxos e muçulmanos, budistas e judeus, católicos e protestantes, a Igreja Ortodoxa Russa pretende ao lugar de «religião oficial» e não esconde que este país, bem como outros do antigo espaço soviético são seu «território canónico».

Esta atitude da Igreja Ortodoxa tem criado atritos, nomeadamente, com o Vaticano, sendo a principal razão de o Papa João Paulo II não ter visitado a Rússia enquanto chefe da Igreja Católica.

A Igreja Ortodoxa Russa não realizou reformas no campo litúrgico, continuando a ser utilizada a língua eslava antiga, compreendida por um pequeno número de crentes. Além disso, ela tem falta de sacerdotes bem preparados.

Por estas e outras razões, a Ortodoxia russa não assistiu a um regresso em massa do seu rebanho, tal como alguns esperavam.

BIBLIOGRAFIA

- 400 ANOS do estabelecimento do Patriarcado na Rússia (1989). Direcção Editorial do Patriarcado de Moscovo. / «K 400 letiiu ustanovleniia Patriarchestva na Rusi». Izdatelskii otel Moskovskoi Patriarkhii, 1989.
- ACTOS do Concílio da Igreja Ortodoxa Russa. 1917-1918 (1918). Petrogrado, Livro 6, v. 1. / «Deiania Sobora Ros. Pravosl. Tserkvi. 1917-1918». Petrograd, 1918, Kn. 6, v. 1.
- ALEKSEEVA, L. (1992) – «História do pensamento dissidente na URSS». Vilnius-Moscovo. / ALEKSEEVA, L. – «Istoria inakomislia v SSSR». Vilnius-Moskva, 1992.
- APELO aos Cristãos de Portugal (1975). Moscovo, 3 de Abril. «Notícias do Movimento Social Cristão da Rússia», n.º 116. / «Obraschenie k Khristianam Portugaliu». Moskva, 3 aprelia 1975. «Vestnik Rossiiska Khristianskogo Dvizhenia», n.º 116 (1975).
- CHKAROVSKI, M. B. (1999) – «A Igreja Ortodoxa Russa na época de Estaline e Khturchov». Moscovo. / CHKAROVSKI, M. B. – «Russkaia Pravoslavnaia Tserkov pri Stalin i Khrutchov». Moskva, 1999.
- CONSTITUIÇÃO da República Soviética Federativa Socialista da Rússia (1918). Moscovo. Disponível em http://www.hronos.km.ru/dokum/191_dok/cnst1918.html. / «Konstitutsia RSFSR». Moskva, 1918.
- DO DISCURSO do Patriarca Alexei na III Conferência Nacional dos Adeptos da Paz em Moscovo em Novembro de 1951 (1951). Moscovo. / «Iz retchi Patriarkha Alekssia na III Vsesoiuznoi Konferentsii storonnikov mira v Moskve v noiabrie 1951 goda». Moskva, 1951.

⁴⁷ Ibidem.

- FILIPPOV, B. A. (2007) – «Cinco Aulas sobre a História da Rússia do século XX. Universidade Humanitária Ortodoxa Sviato-Tikhonovski». Moscovo. / FILIPPOV, B. A. – «*Piat Lektsii po Istorii Rossii XX veka. Pravoslavnii Sviato-Tikhonovskii Gumanitarnii Universitet*». Moskva, 2007.
- FURSOV, S. L. (2002) – «Igreja Russa na véspera das mudanças (finais de 1890-1918)». Moscovo. / FURSOV, S. L. – «*Russkaia Tserkov nakanune peremen (konetz 1890-1918)*». Moskva, 2002.
- «Gazeta Literária» (1972), 15 de Novembro / «*Literaturnaia gazeta*», ot 15 noiabria 1972.
- HISTÓRIA da Rússia. 1939-2007 (2010). Moscovo. / «*Istoria Rossii. 1939-2007*». Moskva, 2010.
- IAKOVLEV, A. N. (2003) – «Escuridão». Moscovo. / IAKOVLEV, A. N. – «*Sumerki*». Moskva, 2003.
- IAKUNIN, V. N. (2003) – «Reforço da situação da Igreja Ortodoxa Russa e estrutura da sua direcção». «*História Pátria*», n.º 4. / IAKUNIN, V. N. – «*Ukreplenie polozenia Russkoi Pravoslavnoi Tserkvi i struktura eio upravlenia v 1941-1945*». «*Otetc. Istorii*» n.º 4 (2003).
- IGREJA Ortodoxa Russa e Estado Comunista. 1917-1941 (1996). Moscovo. / «*Russkaia Pravoslavnaia Tserkov i kommunistichskoe gossudarstvo. 1917-1941*». Moskva, 1996.
- IGREJA Ortodoxa Russa na era soviética. Materiais e documentos para a História das relações entre o Estado e a Igreja (1995). Moscovo, liv. 1. / «*Russkaia Pravoslavnaia Tserkov v sovetskoe vremia (1917-1991). Materiali i dokumenti po istorii otnochenii mezhdu gossudarstvom i Tserkoviu*». Moskva, 1995, Kn. 1.
- ISRAELIAN, Victor (2003) – «Nas frentes da “guerra fria”. Notas de um embaixador soviético». Moscovo: Mir. / ISRAELIAN, Victor – «*Na frontakh “kholodnoi voini”. Zapiski sovetskogo posla*». Moskva: Mir, 2003.
- LALOVLEV, A. N. (2003) – «Escuridões». Moscovo: Materik. / LALOVLEV, A. N. – «*Sumerki*». Moskva: Matetik, 2003.
- LEIBOVITCH, O. (1993) – «Reforma e modernização em 1953-1964». Perm. / LEIBOVITCH, O. – «*Reforma i modernizatsia v 1953-1964*». Perm, 1993.
- LENINE, V. I. (1967) – «Obras Completas». Moscovo, t. 17. / LENINE, V. I. – «*PSS*». Moskva, 1967, T. 17.
- MARX, Karl (2000) – «Sociologia». Moscovo. / MARX, Karl – «*Sotsiologuia*». Moskva, 2000.
- «Notícias do Movimento Cristão Estudantil Russo» (1968), n.º 89-90; (1970), n.º 98; (1975), n.º 15. / «*Vestnik russkogo studentchskogo khristianskogo dvizhenia*», n.º 89-90 (1968), n.º 98 (1970), n.º 115 (1975).
- «Pravda» (1954), 7 Julho; 10 Novembro. / «*Pravda*», 7 iulia 1954; 10 noiabria 1954.
- «Revista do Patriarcado de Moscovo» (1946), n.º 9. / «*Jurnal Moskovskoi Patriarkhii*», n.º 9 (1946).
- SIMONOV, Konstantin (2005) – «História da água pesada». Moscovo: Vagrius. / SIMONOV, Konstantin – «*Istoria tiajolaia voda*». Moskva: Vagrius, 2005.
- SUDOPLATOV, P. A. (1995) – «Sou a única testemunha que resta». Moscovo: Ed. A Jovem Guarda, n.º 5. / SUDOPLATOV, P. A. – «*Ostaius edinstvennim svidetelem*». Moskva: Ed. Molodaia gvardia, 1995, n.º 5.
- TRAGÉDIA da Igreja Russa. 1917-1953 (2007). Cap. IV-1. Moscovo. / «*Tragedia Russkoi Tserkvi. 1917-1953*». Gl. IV-1, Moskva, 2007.
- VINNIKOV, A. (2002) – «Degelo (1943-1960). Parte I». «*Jornal Ortodoxo Siberiano*», n.º 11. / VINNIKOV, A. – «*Ottepel (1943-1960). T chast 1*». «*Sibirskaiia Pravoslavnaia Gazeta*», n.º 11 (2002).